



Sérgio Buarque de Holanda.
Retrato da mocidade (1936)

A obra de Sérgio Buarque de Holanda

Autógrafo de Sérgio Buarque de Holanda, ofertando
a sexta edição de seu livro Raízes do Brasil

SÉRGIO DA COSTA FRANCO

A obra histórica e sociológica de Sérgio Buarque de Holanda oscilou entre a tendência à síntese, que o levaria a um livro de pensamento e generalização, qual *Raízes do Brasil* à pura e simples monografia histórica, como é *Monções*, — excelente estudo sobre as bandeiras que utilizavam as vias fluviais entre São Paulo e Mato Grosso.

Se, de um lado, foi capaz de conceber, com luxo de erudição, a sua *Visão do Paraíso*, analisando a carga mitológica que animou descobridores e colonizadores do Brasil Português, também não fugiu de temas historiográficos limitados, como se pode ver na alentada *História Geral da Civilização Brasileira*, que alcançou, sob a sua direção e orientação geral, os seus melhores momentos.

Mas, analítico ou sintético, universal ou particularista, o que não faltou jamais a Sérgio foi o senso de objetividade e uma seriedade intelectual difícil de ser encontrada no âmbito das ciências do homem. Em sua alentada obra não se encontra a empulhação fácil dos arranjadores de explicação, nem a pesquisa improvisada, nem a demonstração fantasista. Nela, tudo é sério, pensado, e exaustivamente investigado.

Tendo pertencido à geração paulista da Semana de Arte Moderna e ligado inicialmente a preocupações literárias e estéticas, evoluiu depois para a esfera do pensamento sociológico, sendo seu livro de estréia, em 1936, *Raízes do Brasil*, um ensaio que desde logo lhe abriu as portas do reconhecimento nacional.

Antecedendo os minuciosos estudos e pesquisas que mais adiante viria a fazer sobre a história e a cultura brasileira, e sendo o menos documentado de seus livros, essa obra de estréia, admiravelmente bem escrita, é alimentada por brilhantes intuições e observações sobre a psicologia social do brasileiro. Foi onde desenvolveu sua tese sobre o "homem cordial", expressão criada por Ribeiro Couto. Hostilidade às formas rituais de convívio e de polidez, tendência a estabe-

lecer intimidades, inclinação por uma linguagem informal, amiga de diminutivos e de formas simplificadas de tratamento, um modo de convívio sempre ditado por uma ética de fundo emocional e uma religiosidade francamente intimista e familiar em relação à divindade e aos santos, lhanza no trato, generosidade e hospitalidade, — tudo isso comporia o quadro dominante da personalidade do brasileiro.

Mas, a despeito do sucesso internacional de *Raízes do Brasil*, atribuo valor muito maior aos marcos posteriores da atividade intelectual de Sérgio Buarque. *Caminhos e Fronteiras*, admirável conjugação de História e de Antropologia Cultural, é a análise da projeção do bandeirantes e do tropeiro paulista sobre todo o mundo rural do Brasil Meridional e Ocidental. Obra amplamente documentada e repleta de sugestões. *Visão do Paraíso*, com o subtítulo *Os motivos edênicos no Descobrimto e Colonização do Brasil*, que foi a tese de concurso do autor para a cadeira de História da Civilização Brasileira da Universidade de São Paulo, é trabalho de extraordinária erudição, no qual se somam gosto estético, sensibilidade literária e visão histórica. Não me lembro de qualquer livro que se lhe assemelhe, em todo o acervo bibliográfico do Brasil.

Depois desses trabalhos, Sérgio aceitou dirigir, para a Difusão Européia do Livro, a monumental *História geral da Civilização Brasileira*, hoje, sem dúvida, o maior repositório de informação histórica sobre o nosso País. Evidentemente, não assumiu sozinho o encargo. Cada capítulo foi confiado a entendidos no assunto, muitos dos quais, professores do Departamento de História da USP. Contrariando a habitual infecundidade dos docentes das universidades brasileiras, a Universidade de São Paulo tem estimulado a produção intelectual de seus quadros, sendo de destacar - se a bibliografia histórica gestada à sombra do seu Instituto de Estudos Brasileiros. Sete alentados volumes da *História Geral da Civilização Brasileira*, compreendendo o *Brasil Colonial* (2 vols.) e o *Brasil Monárquico* (5 vols.), estiveram sob a



Retrato de Sérgio Buarque de Holanda em 1971, quando comemorou 35 anos de vida literária

direção de Buarque de Holanda; só os últimos, relativos ao *Brasil República*, quando o velho mestre já se achava alquebrado, ficaram confiados à orientação do Prof. Bóris Fausto.

Naqueles sete primeiros volumes, o historiador seguro e objetivo que se anunciara em *Monções* e em outros pequenos ensaios sobre as bandeiras paulistas, publicados em revistas especializadas, pôde dar cabal e definitiva demonstração de sua competência. Não só se incumbiu de escrever pessoalmente vários dos capítulos mais fundamentados da obra, como assumiu com caráter exclusivo, a responsabilidade pelo sétimo volume, subtulado *Do Império à República*, onde estudou todo o processo de evolução e degradação das instituições políticas do Segundo Império. Trata - se de trabalho que, só por si, garantiria o renome de um historiador. Com a habitual desatenção que as editorias literárias dos jornais dispensam ao que é realmente sério, pouco se falou, em todo o País, desse magnífico estudo publicado em 1972. Talvez porque, detendo - se principalmente diante do fato político, não afinasse muito bem com as tendências da patrulha ideológica marxista. Trata - se, todavia, da melhor análise feita sobre as instituições, os costumes e a estrutura do poder do Segundo Império. Capítulos como *A Fronda Pretoriana* encerram, além de historiografia em si, uma excelente lição de ciência política.

Esse sétimo volume da *História Geral* foi o coroamento de uma brilhante contribuição de Sérgio Buarque de Holanda à historiografia brasileira. Se percorremos todos os volumes da obra coletiva, veremos que Sérgio não fugiu de na-

da. No primeiro volume escreveu *O Descobrimto do Brasil, As Primeiras Expedições, O Governo Geral, A Conquista da Costa Leste - Oeste, Os Franceses no Maranhão, As Monções, A Colônia do Sacramento e a Expansão no Extremo Sul*; em co - autoria, *As Etapas dos Descobrimtos Portugueses, mais Franceses, Ingleses e Holandeses no Brasil Quinhentista*. No segundo volume, incumbiu - se de dois capítulos magníficos *A Mineração; Pedras e Metais Preciosos*. No terceiro, escreveu o capítulo inicial sobre *A Herança Colonial - Sua Desagregação*. Já no quarto, estudando o processo de regionalização do Brasil Monárquico, incumbiu - se de "São Paulo", num capítulo de quase sessenta páginas. No quinto, escreveu especificamente sobre *As Colônias de Parceria*, um tema que lhe seria muito familiar, desde que traduziu *As Memórias de um Colono no Brasil* de Thomas Davatz, para a Coleção Histórica Brasileira, na Livraria Martins. Do sexto esteve ausente, talvez a preparar - se já para a paternidade exclusiva do volume subseqüente, pois entre as edições de um e outro apenas decorreu um ano.

Robusto espólio científico e literário é o que nos deixa Sérgio Buarque de Holanda ao falecer, meses antes de completar 80 anos. Isso para não falar do espólio de simpatia humana, de tolerância, de finura intelectual e de caráter, que esse não comporta romaneios e avaliações.

**Sérgio Buarque de
Holanda**
**Raízes
do Brasil**



LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA
MEC
COLEÇÃO DOCUMENTOS BRASILEIROS

6ª EDIÇÃO